

## Editorial

### *Editorial*

Benjamim Adérito da Silva Mosquito M'Bakassy

“Um reino apesar dos sabres mais afiados guarda-se melhor com o excesso de bondade”  
(VASCONCELOS, 2007, p.19)

O papel da divulgação de saberes académicos estende-se das instituições de ensino para a sociedade, sendo o seu ponto inicial o conhecimento contido, gerado e transmitido por académicos nas suas funções de docência e investigação.

São de facto estes os sabres que a E3 vem trazer nesta segunda publicação, dando continuidade à produção de conteúdos – e em português – que a marca.

Dando seguimento ao mote da edição anterior, pela sua importância, pertinência e audácia, realçamos que o estabelecimento de uma publicação na língua de Camões, corresponde à criação de uma ponte entre as comunidades académicas que usam o português como o seu suporte linguístico.

De forma integradora e geradora de mais e maiores pontes, existe de forma explícita uma vontade de continuarmos a encurtar fronteiras entre povos que ao longo da história foram construindo tranças culturais e que hoje se relacionam como povos-irmãos, na busca de um excesso de bondade intrínseco às suas diferenças – e talvez principalmente – às suas semelhanças.

A história está do nosso lado e permite-nos ter à disposição mais de 500 anos de relações das quais a E3 é também um fruto.

Durante esta história, a interferência positiva entre povos e gentes foi fundamental para uma perspectiva cultural única aos países lusófonos, culminando na criação da agora oficial Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

Das artes às ciências, os efeitos são sentidos e ampliados por estas relações.

Quer seja através do Centro de Doenças Tropicais em Lisboa, o tropicalismo na literatura brasileira, ou a poesia drummoniana em Angola, as nossas relações são profundas e indissociáveis.

Exemplos como Ondjaki, José Eduardo Agualusa ou Mia Couto são uma demonstração particular de como nos sentimos em casa em outros lugares que nos são tão próximos, e de como podemos expressar um genuíno afeto pela nossa identidade partilhada.

Esta identidade de certa forma comum, tem o potencial de nos continuar a aproximar e dá-nos a oportunidade de estarmos juntos, dialogarmos, e construirmos uma comunidade

aonde o conhecimento tem lugar de destaque e as relações culturais são mais do que um pretexto.

Os exemplos perseguem-se, desde José Luís Mendonça dedicando a Carlos Drummond de Andrade o seu poema Poesia Verde, à recente comenda a Lopito Feijó (2015), sendo que a mesma representa mais do que o simples reconhecimento do contributo do poeta, é antes um abraço fraterno de longa data.

Já o posfácio da obra poética Luanary (2007), de Adriano Vasconcelos, assinado por Jurema de Oliveira, doutorada em Literatura Comparada da Universidade Fluminense/Brasil, é um olhar estudado e atento, que age como se o espaço que partilhamos não mais compreendesse distâncias.

À semelhança do que foi escrito pelo Prof. Eduardo Leite, tomo a liberdade de fazer uso da literatura de Fernando Pessoa como meio de espelhar a força e influência desta falta de fronteiras no nosso olhar profundo e por vezes poético sobre o nosso contexto. Álvaro de Campos, na sua Ode Triunfal, incorre numa visão sobre o mundo contemporâneo industrializado comparando-o a uma "Natureza Tropical", imagem apenas possível pela nossa sobreposição cultural e histórica:

*“Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical -  
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -  
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro”*

Abraçando as palavras de Fernando Pessoa, a E3 predispõe-se a ser um motor que vê no passado uma porta para o presente, e no conhecimento compartilhado uma ponte para um futuro que construiremos juntos.

Gostaria de terminar este editorial reforçando o papel da língua enquanto património comum e fundição imprescindível para a E3 continue a exercer o seu papel como agregadora de conhecimento e possibilidades, recorrendo-me das palavras do poeta angolano Manuel Rui:

*“De palavras também se faz país  
neste país tão feito de poemas  
que a produção e tudo a semear  
terá de ser cantado noutro ciclo.*

*É fértil este tempo de palavras  
em busca do poema  
que foge na curva das palavras  
usadamente soltas e antigas  
distantes da verdade dos rios  
do quente necessário das brasas  
do latejar silencioso das sementes  
dentro da terra*

*quando chove*

*(...) Produzir nas palavras  
é semear e colher  
é cumprir na escrita  
a produção  
Produzir na palavra  
é cantar no poema  
todas as raízes  
.Odeste chão.”*

Votos de boa leitura,

## **Referências**

Leite, Eduardo. (2015). Editorial. *Revista E3*, v1n1, p. 1-4.

Mendonça, José Luís. (1988). *Respirar as mãos na pedra*. Luanda: União dos Escritores Angolanos

Pessoa, Fernando. (1993). *Álvaro de Campos - Livro de Versos*. Lisboa: Estampa.

Rui, Manuel. (1976). *Poemas em Novembro*. Luanda: Ed. Lavra e Oficina.

Vasconcelos, Adriano Botelho. (2007). *Luanary*, p.19. Luanda: União dos Escritores Angolanos.